

Anexos

Anexo 1

Fundamentação Teórica

Entrevista a Eduardo Sá, publicada a 5/04/2015 no Jornal i.

“Eduardo Sá numa entrevista que todos os pais deviam ler”

É um dos psicólogos mais conceituados do país e abriu-nos as portas do seu consultório em Lisboa para uma conversa sobre a vida, os filhos, os pais e o futuro do país que, na sua opinião, passa por uma mudança radical na escola e um pacto de regime para resolver a crise de natalidade, mas também políticas mais responsáveis. Aos 52 anos, Eduardo Sá admite que ser mediático foi um acidente, mas que gosta de se sentir útil. Nada lhe enche mais as medidas que o amor.

Li que o Peter Pan é a sua história preferida, que gosta de pensar que nunca deixou de ser criança.

Às vezes tenho medo das coisas que digo e de ser demasiado literalizado quando a ideia não é essa. Eu não tenho a ideia de que a infância é o momento mais importante da vida e muito menos acho que seja pintada em tons de azul-bebé e rosa. Não tenho nada dessa ideia. É mais porque acho que as pessoas se estragam de uma forma inquietante à medida que crescem.

O que acontece?

Vamo-nos reprimindo e censurando. Temos os vícios de uma educação judaico-cristã que, em muitos aspectos, foi uma mais-valia para a humanidade, mas noutros talvez não seja. De repente ficamos com a noção de que, se nos soltarmos muito, podemos ficar perigosos, o que é mentira.

Como foi a sua infância?

Cresci em Leiria, com uma família muito alargada. Pela minha casa circulavam muitas pessoas. Tenho duas irmãs, mas era uma casa sempre cheia de primos.

Numa cidade mais pequena, nesses anos 60, com o que é que sonhava?

Não tive logo o privilégio de ter uma televisão e lembro-me das tardes infantis e dos folhetins radiofónicos que nos convidavam a ser audiovisuais, a criar as personagens. Foi uma infância de grande criatividade e que atravessou esta fabulosa transformação da sociedade.

O amor atrapalhou os estudos ou só veio mais tarde?

Devia ter atrapalhado mais. Eu nunca me dei muito mal na escola, era bom aluno, mas tive de aprender a gostar. Tive alguns professores que guardo religiosamente na memória, mas devia ter tido muito mais professores daqueles mágicos, que nos viram do avesso. Ainda assim, não era um rebelde encartado.

Era um betinho?

Também não, mas era certinho. Embora jogasse rãguebi. Era popular.

Sempre quis ser psicólogo?

O meu primo Oliveira e Sá era diretor do serviço de Medicina Legal em Coimbra e foi sempre um homem muito influente na minha vida, assim como o meu pai. Ele gostava que eu fosse para medicina legal e, como eu tinha boas notas, lá em casa a ideia da medicina era uma coisa muito acarinhada.

Acarinhada ou forçada?

Acarinhada. Na altura não havia 12.º ano, era o chamado ano propedêutico, e tínhamos um prazo-limite em que podíamos mudar de opção. E foi só no último dia que às 17h menos dez, eu fui alterar a minha opção de Medicina para Psicologia. Isto porquê? Apesar dessa ideia da medicina, tinha uma professora de Psicologia muito importante para mim que me fez seguir outro caminho. Eu achava fantástico tudo o que era vida mental e, de repente, tinha uma mulher à minha frente que, de forma apaixonada, falava disso tudo.

Teve alguma paixoneta pela professora?

Não, de todo. Era fascinante a forma como ela falava daquilo, como se envolvia. Sentia que finalmente via respostas para os muitos enigmas que eu tinha colecionado na adolescência.

Então, apesar de popular, era um rapaz introspectivo.

Sim, muito. Nessa altura era muito intimista, escrevia poesia. E, portanto, à última hora decidi mudar.

E o pai não se chateou?

Um dia, no máximo, mas também percebeu que aquilo era tão forte para mim que não criou obstáculos. Se tivessem, não sei se teria tido força para lutar contra isso, pelo respeito que lhes tinha. Mas não aconteceu. Às vezes é isso que acontece.

A vocação para o trabalho com crianças e jovens foi imediata?

Não é uma vocação. Fiz um curso absolutamente normal e depois, na parte clínica, tive a sorte de ter um professor que me direcionou para o trabalho com crianças muito perturbadas, com autismo grave. E aí tive o meu primeiro grande desafio: para quem achava que tinha estudado os grandes autores da psicanálise, de repente via-me com crianças que não falavam bem a minha linguagem e em relação às quais tinha de mudar completamente a forma de comunicar. E tinha de fazer uma coisa, na altura, muito difícil. As crianças lêem-nos os olhos e sentem-nos muito bem.

Mesmo essas crianças?

Mais ainda que quaisquer outras. E, portanto, não fazia muito sentido eu estar envolvido naquela leitura tão aparentemente complexa quando me faltava tudo para fazer a quadratura do círculo.

Foi um banho de realidade?

Sem dúvida, foi a melhor escola que podia ter. Ajudou-me a perceber que, às vezes, quando somos formados para sermos psicoterapeutas, ensinam-nos a ser um bocadinho falsos e, quando trabalhamos com crianças, ou somos transparentes e autênticos, ou aquilo que os nossos olhos dizem condiz com as nossas palavras, ou então perdemo-las.

Nessa vertente mais pública do seu trabalho apostou na informação sobre parentalidade. Ser pai é uma tarefa difícil?

Tenho medo de dizer que é difícil, porque isso é quase sinónimo de dizer que é feita de uma aragem muito fria. A minha resposta é que tudo é muito difícil porque tudo é muito complexo e, depois, depende da nossa inteligência e das parcerias que estabelecemos para tornar o complexo simples. Evidentemente que não é fácil ser pai.

E nunca estamos preparados?

Acho que nunca estamos preparados para coisa nenhuma porque a vida tem essa capacidade imprevisível. Mas isso não é mau, torna-nos atentos. Tenho medo até dos pais que querem preparar-se tão bem que, de repente, perdem a hipótese de aproveitar tudo o que é equipamento-base: o sexto sentido e uma capacidade absolutamente comvente de criar laços.

Tem quatro filhos. São parecidos consigo?

A mais velha tem 28 anos e o mais novo tem 19. Os meus dois filhos mais velhos são meus colegas. E houve uma altura que fiquei um bocado inquieto com isso.

Com a hipótese de terem sofrido alguma lavagem cerebral?

Não, disso tenho a certeza que não. Preocupavam-me duas coisas: que o quisessem ser exclusivamente porque eu o era ou que não quisessem ser só porque eu era, como se eu fosse um obstáculo a um sonho que pudessem ter. Eles insistiram e foram por aí mas, com eles, sou sobretudo pai, não andamos a discutir questões técnicas.

E os mais novos?

Os mais novos estão os dois a estudar Gestão. Confesso que foi um alívio.

Qual foi o maior erro ou disparate que fez com um filho seu?

Cometi tantos erros que tenho dificuldade em dizer. Mas há um que até foi divertido. Tive um professor que um dia me chamou e disse: vais ser professor, vais ter alunos mais velhos que tu e, por isso, vou ensinar-te um truque infalível para quando te fizerem uma pergunta a que não saibas responder. Então o truque era o seguinte: quando houver uma pergunta dessas, não deveria olhar bem para o aluno, mas em direção ao absoluto, levantar a sobancelha, fazer uma ligeira pausa e dizer com um ar muito sério: "Ora aí está uma boa pergunta." E o aluno ficaria tão vaidoso que se ia esquecer.

E se se lembrasse?

Perguntei-lhe e ele respondeu: com a mesma postura, tinha de perguntar ao aluno o que é que ele achava e depois dizer: "Está a ver como sabia?"

E fez isso com um filho?

Um dia andava a passear com a minha filha e ela olhou para o céu e perguntou o que é que a lua estava ali a fazer. Esqueci-me que era minha filha e disse: "Boa pergunta."

A função dos nossos filhos é obrigarem-nos a continuar a crescer, mas esqueci-me disso. Ela insistiu, eu perguntei-lhe o que é que ela achava e ela disse que a lua estava no céu a fazer estrelas. Achei uma solução fantástica mas, se me tivesse armado em pai, podíamos ter discutido os dois, chegado a uma solução, é isso que os pais devem fazer.

E o que mais o orgulha?

Adoro ser pai, tenho dificuldade em escolher. E acho o máximo chegar ao fim-de--semana e estarmos todos por ali.

Vivem todos consigo?

Não, mas ao fim-de-semana estamos juntos. Não é só encontrarmo-nos, os programas são fascinantes, desde os mais exóticos a estarmos todos juntos a sofrer pelo Benfica.

Pensamos sempre que não vamos fazer as mesmas coisas que os nossos pais. É mentira?

Tenho muito medo daqueles pais que têm a ideia de que criam uma família do zero. Muitas vezes estão tão presos à sua experiência que não sentem os filhos, não os conhecem e parecem estar sempre a fugir das experiências que os magoaram ou de maus exemplos. Faz lembrar uma porta giratória: tentando de tal forma escapar, acabam por ir dar ao mesmo sítio, ter as mesmas consequências.

O que mais o incomoda nos pais que vêm ao consultório?

Os que vêm ao consultório não me incomodam assim tanto porque, se aparecem, é porque se põem em dúvida. Preocupa--me é aqueles pais que, em vez de quererem ter filhos, querem transformá-los numa espécie de troféus.

E há muito disso?

Acho que há. E também porque há cada vez menos crianças e, quanto mais a relação com a infância é diminuta, mais as pessoas sentem uma vertigem maior. Costumo dizer que só começamos a ser pais ao segundo filho; o primeiro é sempre uma criança em perigo. Mistura-se tudo: os pais que tivemos, os pais que desejávamos ter tido, os pais que desejávamos ser, os filhos que imaginamos construir. Preocupa-me que os pais transformem os filhos quase num projeto de carreira e que não lhes deem espaço para crescerem como deve crescer, com regras mas com liberdade, com espaço para todos errarem.

Tem muitos casos em que os problemas dos jovens resultam dos pais?

Claro que os pais têm muita responsabilidade por muitas coisas, mas o importante é que, se pudermos ajudá-los e pudermos tornar as crianças mais simples e acessíveis, não tenho dúvidas de que são absolutamente fantásticos.

Que erros se cometem mais vezes nessa relação?

Acho que os pais falam de uma forma muito complicada. Acho uma ternura que, quando estão tensos um com outro, tenham aquele devaneio quase infantil de dizer que não discutem à frente das crianças, que elas nunca percebem que as coisas estão mal. Quando um pai e uma mãe estão zangados, só faltam terem luzinhas. Acho que, às vezes, falta transparência na maneira como se fala com as crianças. Não no sentido de as pôr ao nível dos pais...

O que acontece muitas vezes?

Sim, há esse reverso da medalha quando pai e mãe estão num campeonato diferente. Mas, às vezes, fala-se às crianças como se fossem mais ou menos débeis, quando elas são brilhantes na acutilância com que percebem as coisas.

Temos filhos cada vez mais tarde. Perde-se ou ganha-se alguma coisa com isso?

Sendo pai mais tarde, tem-se mais experiência de vida, pelo que pode ser bom. Mas a experiência que se ganha sendo mãe ou pai – e quem sou eu para recomendar o que quer que seja – é tão completa que não merece ser adiada. Dito isto, é verdade que Portugal é um país estranho, muito pouco amigo das famílias. Nunca houve uma discussão verdadeiramente séria sobre isso e seria crucial.

Mais trabalhos a tempo parcial ou vantagens no IRS serão a solução?

Haverá muitos aspectos, mas o financeiro é crucial. Um filho custa muito dinheiro por dia. Às vezes, acho que as pessoas que têm responsabilidades políticas não são tão sérias como deviam ao falar destas coisas. Gostava que explicassem aos cidadãos como é possível ter dois ou três filhos entre os zero e os seis anos com os jardins-de-infância a custarem mais por mês do que uma universidade privada. A ideia de que educamos os nossos filhos nas lojas dos 300 é algo que as Finanças insistem em imaginar, mas que é um absurdo. E acho inacreditável que, de há muitas Presidências da República para cá, isto nunca tenha sido um compromisso de regime.

Além das dificuldades materiais, ouvimos muitas vezes o desabafo: para quê pôr uma criança neste mundo? Como o vê?

Acho que é um bocado vaidoso. Quando olhamos para trás e pensamos nos nossos antepassados, acho que o mundo em que vivemos fica mais fácil. Apesar de tudo, acredito que o mundo tem crescido para melhor e parece-me completamente disparatado só pensar no mal. Se formos menos vaidosos e gananciosos, percebemos que, todos juntos, fazemos melhor muitas coisas que têm, por vezes, um mau uso e podem ser usadas em proveito de todos.

Entretanto, e enquanto se aguardam mais medidas, a ministra das Finanças mandou os jovens multiplicarem-se. Que solução vê para esta crise de natalidade?

Acho que o primeiro passo seria aumentar significativamente o vencimento de quem tem cargos políticos e começar a eleger pessoas que assumam responsabilidades e não tenham observações infelizes como essa. Acho que a política tem de ser reabilitada e temos de discutir o que queremos do mundo, das pessoas, do futuro, e isso é um debate de convicções urgente.

E não tendo começado na política partidária, sente-o entre as pessoas?

Sem dúvida. E acho importante que existam novos movimentos. Só acho inquietante que se fique pelo “podemos” quando podíamos ir ao “queremos”.

Segue esses movimentos com atenção?

Sim. Acho que são interpelações muito sérias aos partidos políticos e a uma certa distração incompreensível que foram tendo em relação às questões fundamentais, tanto à esquerda como à direita. Acho que foram cedendo com uma facilidade inquietante ao populismo e esqueceram--se de que as pessoas não são o que alguns programadores de televisão imaginam, que consomem sobretudo filmes de série B e “Casa dos Segredos”.

A escola tem estado em convulsão nos últimos anos e, mais recentemente, houve este apelo para eliminar os chumbos. Que diagnóstico faz?

Costumo dizer que acho que a escola devia fechar para balanço e abrir com nova gerência.

O que está mal?

Há muitas coisas que estão mal e os ministros também, às vezes. Não temos nada mais importante que a escola. Se o mundo, em particular este lado ocidental, mudou alguma coisa nos últimos séculos, foi sempre de dentro para fora da escola. Não tenho dúvidas de que é a invenção mais bonita da humanidade. Tornar o ensino obrigatório foi a verdadeira revolução tranquila de que temos a obrigação de nos orgulhar. Tenho medo que o ensino público fique demasiado constipado e que, de repente, uma revolução como esta se esteja a transfigurar.

Com que impacto?

Além dos impactos individuais, não podemos esquecer que a escola é a forma mais simples de democratizarmos o mundo, é a forma de, a priori, seja qual for a porta de entrada, as pessoas crescerem em função das suas competências e não tanto em função dos seus apelidos e da sua classe social. Pode ser a verdadeira entidade reguladora da vida.

O que devia mudar?

Tantas coisas... Acho uma patetice separar o ensino obrigatório da educação infantil, que devia ser tendencialmente gratuita e para todos. Devia ser proibido ensinar a ler e escrever nos jardins-de-infância. De repente, estamos a espatifar um recurso fundamental: não é pelo facto de as crianças serem bons macacos de imitação que aprendem a pensar e, ao ensinar escrita e leitura aos quatro anos, estamos a impedi-las de ter essa experiência profunda na idade certa. Acho que devia ser proibido haver turmas de primeiro e turmas de segundo nível e ser possível haver escolas só de raparigas e só rapazes.

Mas sempre houve.

Não faz sentido porque, se existe uma ideia da educação, é a de integrar. Acho que, se queremos acarinhar o sucesso educativo, devíamos acabar com aulas expositivas de 90 minutos e recreios de 10 minutos, quando brincar devia ser património da humanidade. A escola teima em estragar a criatividade das crianças. É incompreensível que tenhamos Matemática e Português como disciplinas de primeira e Educação Musical, Visual e Física como disciplinas de segunda. Acho que as crianças têm cada vez mais tempo de má escola e, quando dizia “parar para balanço”, é no sentido de termos de pensar nisto com seriedade – pais, professores e quem

decide as políticas. Neste momento, o que estamos a fazer é transformar as crianças pequeninas em burocratas de fralda, depois tecnocratas de mochila e depois acabam todos mestres aos 23 anos, como se fosse possível.

Os seus filhos andaram na escola pública ou na privada?

Foi sempre na escola pública até eu me ter zangado, depois de um incidente infelicíssimo com o meu filho Pedro, mais novo.

Um incidente académico?

Era um professor que invariavelmente lhes chamava estúpidos nas aulas. Eu fui ter com a diretora de turma e pedi delicadamente para trazer algum comedimento àquele professor porque, se o meu filho chamasse uma vez que fosse estúpido a um professor, eu acharia muito grave. A diretora deu-me a única resposta que nunca aceitaria: não deve levar tão a sério aquilo que as crianças dizem porque elas inventam muitas coisas.

Percebe os pais que põem os filhos na escola privada?

Receio que, às vezes, os pais o vejam como a única solução quando a escola pública sofre, de facto, de carências inacreditáveis. Quando falamos do preço do aluno por ano, esquecemo-nos de que a escola pública é o sítio mais inclusivo do mundo, e isso acresce os custos, que não podem ser iludidos por quem têm responsabilidades. Agora, é preciso combater a ideia de que as escolas são tanto melhores quanto mais exclusivas forem. E é isso que está a pegar. Temos cada vez mais jardins-de-infância em Lisboa que, em vez de terem muitos meninos, têm seis ou dez. E fico escandalizado quando conheço colégios católicos que convidam as crianças a sair para não enviesarem os rankings.

A pluralidade é uma vantagem no ensino?

Sim. Todas as crianças têm necessidades educativas especiais, mesmo quando têm boas notas. Podem ter óptima nota a Português e a Matemática, mas não se safam à baliza nem a jogar à bola, falta-lhes confiança. E o nosso papel enquanto educadores é esticar todas essas potencialidades gigantes que as crianças têm e levá-las a aprender umas com as outras.

Um tema que está na ordem do dia é a criação de uma lista de pedófilos a que os pais poderão aceder. Como vê esta ideia?

Não percebo a leveza com que se tem discutido os abusos de menores na sociedade portuguesa, o que começou na Casa Pia e continua hoje. É um atentado à vida de uma criança e merece respostas concretas, mas tenho muito receio desta ideia, de Estados voluntaristas, e que a certa altura haja milícias populares, casais de justiceiros.

E conhecendo a natureza dos pais, é o mais provável?

Sim. Não acho nem sensato nem prudente, de todo.

Tivemos três anos de resgate financeiro e caminhamos agora para eleições. Como é que olha para o país?

Para começar, sinto muito mal-estar quando vejo que foram suprimidos alguns e como isso liga com a forma como a história é mal ensinada às crianças. Só temos direito a ter futuro quando acarinharmos a história. Preocupa-me, depois, a voracidade com que, às vezes, se tenta conquistar o poder e como alguns políticos reconhecem que não se ganham eleições falando verdade.

Ao ponto de se arreliar com períodos de campanha?

Fico furioso.

Mas vota ou engrossa a abstenção?

Voto sempre.

Sabe em quem?

Sei. Sou um homem de esquerda.

Falou-se muito da marca da crise nos adultos, na desesperança. Nas crianças e jovens, que marca ficou?

Na psicologia, temos a ideia de que as crises são sempre oportunidades de crescimento, nós é que parece que diabolizamos sempre o que nos pode ajudar a crescer. O contrário da crise é um impasse. Se calhar, fui ficando mais preocupado com essa atmosfera de impasse e quase de euforia com que fomos crescendo durante muitos anos, como se, de repente, tudo tivesse um preço e não fosse preciso integridade, aquela fórmula infelicíssima, que se banalizou, de que o importante não é viver, é saber viver.

Portanto, acreditou que a crise podia ser terapêutica?

Acreditei que a crise pudesse obrigar os pais a fazer escolhas e que, nessas escolhas, pudessem ser mais claros nas convicções que têm, passando isso aos filhos. Preocupa-me que os pais que passaram dificuldades tenham saído muito mais azedos e muito pouco restaurados. E que isso passe para os miúdos que estão no 10.o e é como se estivessem na pré-reforma. Não acreditam nos sonhos.

O que o faz mais feliz, além dos filhos e do Benfica?

Escrever histórias, ficção e não só. Interpelar pessoas desconhecidas, recriar, dá--me muito prazer.

E que amor lhe sabe melhor neste momento: de pais, de filhos, da mulher?

Nisso, não há dúvidas: acho que o amor adulto é o topo-de-gama dos amores.

Anexo 2

Pedido de Permissão de Recolha de Dados no Pré-Escolar e 1ºCiclo do Ensino Básico

Ex. ma. Sr.^a Dir.^a

Para os devidos efeitos venho requerer que Vossa Excelência se digne a autorizar-me a realizar quatro entrevistas, aos profissionais de educação, que representam a equipa pedagógica desta instituição e a aplicar um inquérito por questionário aos pais da sala dos 3/4 anos da Educadora A. Ambas as técnicas de investigação serão aplicadas, focando o tema “Tempo para aprender vs Tempo para brincar”, destacando essencialmente a questão da “escolarização precoce” e a “importância de brincar” para as crianças em educação pré-escolar.

Quer as entrevistas quer os inquéritos por questionário integram-se num estudo empírico que estou a levar a cabo no âmbito do 1º ano do Mestrado no Perfil de Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Em anexo envio as questões que serão colocadas nas entrevistas e nos questionários a serem aplicados.

Agradecida pela atenção dispensada,

Porto, 26 de maio de 2015

A estagiária

A Diretora:

Ex. mo. Sr.º Dir.

Para os devidos efeitos, venho requerer que Vossa Excelência se digne a autorizar-me a realizar quatro entrevistas a quatro professores, que se encontram de momento a lecionar numa turma de 1º ano, na instituição Y, e a aplicar um inquérito por questionário aos pais da turma do 1ºX da Professora B, onde me encontro de momento a estagiar.

Ambas as técnicas de investigação serão aplicadas, focando o tema “Tempo para aprender vs Tempo para brincar”, destacando essencialmente a questão da “escolarização precoce”, a “importância de brincar”, bem como a abordagem da questão da idade mais adequada para uma criança ingressar no 1.º ano de escolaridade.

Quer as entrevistas quer os inquéritos por questionário integram-se num estudo empírico, que estou a levar a cabo no âmbito do Estágio do 2.º ano do Mestrado de Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Em anexo, envio as questões que farão parte das entrevistas e dos inquéritos por questionário a serem aplicados.

Agradecida pela atenção dispensada,

Com os melhores cumprimentos,

Porto, 23 de novembro de 2015

A estagiária

(Ana Rita Coelho Correia)

O Diretor:

Anexo 3

Análise de Dados

Entrevistas às Educadoras:

Educadora A

1 – Há quantos anos se encontra a trabalhar na área da educação?

Trabalho há 19 anos.

2 – O que entende por “escolarização precoce”?

Numa breve explicação, para mim existe duas formas de a escolarização precoce acontecer, aquela que acontece no espaço do próprio jardim de infância onde a educadora de infância aplica fichas de trabalho e tenta “ensinar” as crianças a ler e a escrever, aspectos que estão fora do seu âmbito, das suas competências e do que está convencionado pelo Ministério da Educação e Ciência nos documentos que servem de base, de orientação para todos os educadores de infância que fazem parte da rede nacional de educação, porque ; a outra é quando os pais chegam perto da educadora e lhes solicitam “que ensine o filho a ler e a escrever”, ao mesmo tempo acham que quanto mais cedo se iniciar a aprendizagem da leitura e da escrita melhor e querem que os filhos entrem no 1º ano do 1º ciclo do ensino básico cada vez mais cedo, muitas vezes antes do ano em que completam os 6 anos de idade, conforme está previsto na lei portuguesa.

3 – Como considera a escolarização precoce na educação de uma criança?

3.1 – Porquê?

Na minha opinião é um erro. A minha experiência diz-me, que há um aspeto a ter em conta quando se fala de escolarização precoce, a maturidade da criança, porque independentemente do desenvolvimento ao nível cognitivo, motor e da linguagem, se a criança não tem a maturidade suficiente para a responsabilidade que vai assumir com a entrada no 1º ciclo a vários níveis, os seus resultados podem não corresponder às expectativas criadas, bem como o facto de a criança não vir sentir-se integrada num grupo que apresenta à partida uma maior maturidade, o que poderá condicionar a sua integração.

E aqui não estou a falar em crianças em que se verifica uma precocidade excepcional devidamente avaliada, embora na minha opinião, até nestes casos se deva ter em consideração não só a área em que a criança apresenta essa precocidade, mas também o seu grau de maturidade e o facto de a criança se vir a sentir integrada num grupo que não é o seu.

4 – Considera que, na instituição onde trabalha, escolarizam precocemente a criança?

4.1 – Porquê?

Não. A instituição onde trabalho, tem como metodologia de trabalho a pedagogia de projeto e a pedagogia de situação, onde a criança através de uma aprendizagem ativa, aprende através da sua própria experiência, das suas pesquisas e em interação com os seus pares e os adultos, aprende brincando. Como nos diz Paulo Freire “ quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender”, ou seja há um intercâmbio permanente entre o educador e a criança, onde todos são atores da sua própria aprendizagem. E há ainda um aspeto que gostaria de referir, nós não fazemos fichas, nem ensinamos ninguém a ler e a escrever, criamos, ou melhor

desenvolvemos as competências para que as crianças tenham sucesso no ciclo seguinte, ou seja o 1º ano do 1º ciclo do ensino básico.

5 – Na sua opinião, como explica o facto das crianças serem precocemente estimuladas na aprendizagem da leitura, escrita, entre outras?

Esta pergunta tem a palavra “estimuladas”, entendo-a aqui de forma positiva ou seja, se for no sentido de criar competências para... parece-me positiva. Agora, ensinar no sentido lato, como se ensina no 1º ciclo, eu como profissional não possuo tais competências para o desenvolver.

6 – Qual a sua opinião sobre a possibilidade das crianças aprenderem a ler ou escrever durante a educação pré-escolar?

Não acho que seja positivo, porque irá criar um desinteresse da criança nas aprendizagens devidas no ciclo seguinte. Ou seja, na minha opinião “o seu a seu dono”, quero com isto dizer que as crianças podem e devem ser estimuladas no jardim de infância para as aprendizagens que irão desenvolver no 1º ciclo. Aliás, o jardim de infância é o espaço privilegiado para a brincadeira e como defendo muitas vezes, e até perante os pais que me solicitam no sentido de manifestar a minha opinião sobre este tema, e reafirmo em muitas ocasiões: “Deixem os vossos filhos brincar! Eles vão ter 12 anos pelo menos para frequentar a escola, onde as oportunidades para brincar são quase inexistentes!”

7 – Considera as fichas de atividades, em contexto de educação pré-escolar, uma forma de escolarização precoce da criança?

Sim, por isso considero este tipo de abordagem completamente desnecessária. Porque as crianças, em idade pré-escolar, fazem imensas atividades em que podem fazer registos o que lhes permite contactar com formas de escritas: pictogramas, desenhos; a própria escrita do seu nome, para identificar os seus trabalhos e até de outras palavras que fazem parte do seu vocabulário e das suas vivências, são processos, meios que a criança encontra para desenvolver competências, por sua iniciativa e estimulada pela educadora.

8 – Na instituição onde trabalha realizam-se fichas de atividades?

8.1 – Porquê?

Não, porque acreditamos que a pedagogia de Projeto que utilizamos e seguimos permite que a criança aprenda brincando, como já atrás referi e ao mesmo tempo lhe permite adquirir todas as competências necessárias para que o ciclo seguinte seja superado com sucesso.

9 – Qual a sua opinião sobre o facto de alguns pais incentivarem as crianças, com idades precoces, a ler e a escrever?

Penso que os pais hoje em dia estão demasiado preocupados com o aprender a ler e a escrever e esquecem-se que também foram crianças, e que brincar é essencial para que as nossas crianças sejam felizes. As crianças mais felizes são para mim as que mais brincaram, as que caíram e fizeram arranhões nas pernas, braços, no nariz, porque todas estas pequenas mazelas contam histórias e permitem que haja algo para contar e não as horas que passei a escrever, a ler, a estudar antes do tempo considerado normal para que tal aconteça. Compreendo que num mercado tão competitivo e com as exigências que são impostas às escolas com os rankings nacionais de “qualidade e quantidade”, os pais se sintam pressionados para que os seus filhos ao chegar a uma determinada escola, seja ela pública ou privada, se vejam muitas vezes confrontados com o facto de outras crianças já saberem ler e escrever e o seu/sua filho(a) não o saibam ainda, o que os deixa numa situação delicada. Estou a

referir este aspecto porque tenho pais que me confrontaram com este tipo situação. E sentem-se inseguros e acabam por o passar aos filhos. Mas, não é por esta razão que os resultados se tornam menos positivos. No final do 1º trimestre as crianças estão ao mesmo nível no que às aprendizagens diz respeito.

10 – Se for do interesse da criança aprender mais do que aquilo que é considerado normal adquirir na sua idade, que atitude um educador/professor deve tomar?

Se a criança manifestar alguma atitude, comportamento ao nível do seu desenvolvimento que indicie algum interesse numa determinada área, alguma precocidade excepcional deverá o educador procurar a ajuda de um profissional devidamente qualificado para avaliar a criança e tomar as diligências necessárias para que o seu desenvolvimento se processe em conformidade com os seus interesses.

11 – Considera a diferenciação pedagógica como uma possível solução para a não escolarização precoce?

Com certeza. A diferenciação pedagógica poderá ser um meio para que cada criança de acordo com as capacidades, interesses, necessidades, as suas potencialidades seja atendida e possa participar de forma ativa na sua aprendizagem e que lhe sejam proporcionadas a igualdade de oportunidades de aprendizagens devidas a cada uma.

12 – Na instituição em que trabalha, considera relevante os tempos dedicados ao “brincar”?

12.1 – Porquê?

Sim. As crianças, em contexto de sala de jardim de infância, estão em constante brincadeira e através dela fazem imensas aprendizagens, nomeadamente nas áreas da sala, onde podem vivenciar inúmeras situações de faz de conta, através do jogo livre em interação com os seus pares. É claro que também temos as atividades orientadas, onde a criança desenvolve as suas competências através das propostas do educador, que são apresentadas de acordo com as observações efectuadas e que lhe permite agir e propor atividades adequadas ao grupo e cada criança que tem à sua responsabilidade. Depois existe o espaço de recreio, onde a criança de forma livre e responsável estabelece contacto com as crianças dos outros grupos das outras salas e lhes permite ao mesmo tempo interagir e realizar aprendizagens com os seus pares mais novos e mais velhos, conforme o caso.

13 – Na sua opinião, considera que, em contexto de educação pré-escolar, existe tempo para aprender e tempo para brincar?

13.1 – Se sim, como se gere o tempo de ambos?

Sim. E penso que na questão anterior já respondi a uma parte dessa questão. As rotinas são a forma privilegiada que temos, crianças e adultos, para gerirmos o nosso tempo. É desta forma que o nosso tempo é gerido, assim sendo quer crianças quer adultos sabem que é importante termos um tempo em que permanecemos na sala onde são realizadas as atividades livres nas áreas de atividade e as atividades propostas pela educadora, e onde por exemplo os brinquedos que são trazidos de casa não entram (a não ser que se trate de um objecto de transição), pois serão utilizados para brincar no recreio. As crianças têm a perfeita noção do que vem a seguir a quê, compreendendo muito bem os tempos e a forma como são geridos.

14 – Considera o “brincar” uma atividade suficiente, na idade pré-escolar, para desenvolver competências, a diversos níveis, na criança?

O brincar a que se refere deve estar referenciado entre aspas, certo? Se assim for, a mim parece-me mais que suficiente. Penso que esta questão também está

respondida. Como já referi, anteriormente o jardim de infância é o espaço e o tempo privilegiado para que a brincadeira aconteça, só se é criança uma vez, este tempo tão importante da nossa vida, e digo nossa porque a minha infância foi muito feliz, tenho imensas boas recordações porque brinquei muito! Não pode, já à semelhança do que acontece no 1º ciclo, ser um espaço onde não há tempo para a brincadeira. Bendito tempo da escola em horário duplo!

Através da brincadeira a criança aprende, o jogo lúdico permite-lhe que as aprendizagens sejam efectuadas sem enfado, ao mesmo tempo que lhe é proporcionada a possibilidade de mostrar as suas capacidades e potencialidades na execução das atividades, sejam elas propostas pela educadora quer sejam realizadas por iniciativa da criança.

15 – Que idade acha ser adequada para uma criança iniciar o 1º Ciclo do Ensino Básico?

15.1 – Porquê?

Na minha opinião, as crianças deveriam entrar com 7 anos no 1º ciclo, ou pelo menos com os 6 anos completos até final de junho, do ano que devem entrar no 1º ciclo. Porque há uma maior maturidade emocional; ao nível das habilidades motoras há uma maior segurança por parte da criança, e o seu poder de abstração está iniciado, segundo alguns teóricos nomeadamente Piaget, o que lhe permitirá no que diz respeito aos conteúdos leccionados uma maior capacidade de compreensão e resolução.

Educadora B

1 – Há quantos anos se encontra a trabalhar na área da educação?

25 anos.

2 – O que entende por “escolarização precoce”?

A que ocorre antes da entrada no primeiro ciclo do ensino básico.

3 – Como considera a escolarização precoce na educação de uma criança?

3.1 – Porquê?

Prejudicial e redutora. Porque não vai de encontro às necessidades e interesse das crianças à idade do pré- escolar. A qual deve ser protagonista do seu próprio desenvolvimento.

4 – Considera que, na instituição onde trabalha, escolarizam precocemente a criança?

4.1 – Porquê?

Não. Porque não são utilizados métodos repetitivos e mecânicos na aprendizagem das crianças.

5 – Na sua opinião, como explica o facto das crianças serem precocemente estimuladas na aprendizagem da leitura, escrita, entre outras?

Não explico.

6 – Qual a sua opinião sobre a possibilidade das crianças aprenderem a ler ou escrever durante a educação pré-escolar?

Desde que a criança aprenda de uma forma natural, que parta de um interesse seu e aconteça sem imposições nem estímulos forçados.

7 – Considera as fichas de atividades, em contexto de educação pré-escolar, uma forma de escolarização precoce da criança?

Sim.

8 – Na instituição onde trabalha realizam-se fichas de atividades?

8.1 – Porquê?

Não. Porque a equipa pedagógica não considera a ficha de atividades adequadas às crianças em idade pré-escolar.

9 – Qual a sua opinião sobre o facto de alguns pais incentivarem as crianças, com idades precoces, a ler e a escrever?

Não concordo.

10 – Se for do interesse da criança aprender mais do que aquilo que é considerado normal adquirir na sua idade, que atitude um educador/professor deve tomar?

O educador deve aproveitar e explorar os interesses de cada criança, sem esquecer a sua idade. Pode conduzir o processo de aprendizagem através de situações lúdicas em que as crianças possam perguntar, descobrir e aprender.

11 – Considera a diferenciação pedagógica como uma possível solução para a não escolarização precoce?

Sim. A diferenciação pedagógica é um dos principais fatores que um educador deve

ter em conta, porque implica estar atento ao ritmo de cada crianças, à sua especificidade de e às suas diferenças. Implica que reflita e procure soluções capazes de dar resposta às diferentes situações que possa surgir.

12 – Na instituição em que trabalha, considera relevante os tempos dedicados ao “brincar”?

12.1 – Porquê?

Claro que sim. Brincar é um direito das crianças. Brincar é a palavra chave da educação pré-escolar. Todo o processo de aprendizagem a “brincar”.

13 – Na sua opinião, considera que, em contexto de educação pré-escolar, existe tempo para aprender e tempo para brincar?

13.1 – Se sim, como se gere o tempo de ambos?

Não existem dois tempos. Está tudo interligado. A criança aprende a brincar.

14 – Considera o “brincar” uma atividade suficiente, na idade pré-escolar, para desenvolver competências, a diversos níveis, na criança?

Sim, tal como disse anteriormente.

15 – Que idade acha ser adequada para uma criança iniciar o 1o Ciclo do Ensino Básico?

15.1 – Porquê?

Depende de cada criança, mas normalmente aos 6 anos, desde que não existam sinais de alerta de que algumas competências não adquiridas possam comprometer o percurso escolar. Porque, pressupõe-se que nessa idade já estejam adquiridos um conjunto de requisitos essenciais para o sucesso de aprendizagens.

Educadora C

1 – Há quantos anos se encontra a trabalhar na área da educação?

Há 13 anos.

2 – O que entende por “escolarização precoce”?

É antecipar a escolarização, proporcionar a aprendizagem antes do tempo previsto.

3 – Como considera a escolarização precoce na educação de uma criança?

3.1 – Porquê?

Considero, tal como, diz a pergunta, precoce, porque na minha opinião a criança em idade pré-escolar deve adquirir outro tipo as competências básicas antes da escolarização, tais como, o desenvolvimento de atitudes e valores, a autonomia, a socialização, a concentração, o gosto por aprender e ainda e não menos importante ter tempo para brincar. Por outro lado quando a criança tem uma escolarização precoce pode a curto prazo, no 1º ciclo, apresentar sinais de cansaço escolar, deficiência de atenção ou perda de motivação.

4 – Considera que, na instituição onde trabalha, escolarizam precocemente a criança?

4.1 – Porquê?

Não, porque seguimos uma pedagogia que não vai de encontro à escolarização em idade pré-escolar. Elaboramos o nosso Projeto curricular com base no documento traçado pelas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar e pelas metas de aprendizagem, que não visam uma escolarização precoce da criança. Orientamos a nossa ação em função dos interesses e necessidades da criança e do grupo, desenvolvendo atividades e projetos onde a criança de uma forma lúdica, através do brincar vai aprendendo.

5 – Na sua opinião, como explica o facto das crianças serem precocemente estimuladas na aprendizagem da leitura, escrita, entre outras?

Muitas vezes as crianças são estimuladas pelos pais, que querem que os seus filhos adquiram esta competência mesmo sem saberem como o fazer. Por outro lado, hoje em dia existem muitos meios que facilitam esta aprendizagem, tais como jogos de encaixe de palavras ou números, jogos interativos, o computador que a maioria das crianças já são capazes de manipular, entre outros.

6 – Qual a sua opinião sobre a possibilidade das crianças aprenderem a ler ou escrever durante a educação pré-escolar?

Penso que é muito precoce nestas idades e para além disso o educador de infância não está habilitado para essa função. Podemos e devemos proporcionar formas que permitam à criança contactar com as diferentes funções e formas de código escrito, a direção da escrita (da esquerda para a direita) quando por exemplo se lê uma história, conhecer os diferentes tipos de letras e até escrever o seu nome, mas não mais do que isso. Por outro lado, quando a criança entrar para o 1º ciclo pode causar desmotivação e desinteresse.

7 – Considera as fichas de atividades, em contexto de educação pré-escolar, uma forma de escolarização precoce da criança?

Sim, porque de certa forma está a “obrigar” a criança a permanecer naquela atividade sem que manifeste interesse, a estar sentado durante um período de tempo e nem todas as crianças podem ter essa capacidade.

8 – Na instituição onde trabalha realizam-se fichas de atividades?

8.1 – Porquê?

É um método que não adoptamos. Realizamos outros tipos de registos realizados em grande grupo, tais como, gráficos de barras, pictogramas, registos de imagens, entre outros e em registo individual, como forma de sintetizar ou registar uma aprendizagem, através de uma nova técnica de pintura, desenho ou recorte e colagem.

9 – Qual a sua opinião sobre o facto de alguns pais incentivarem as crianças, com idades precoces, a ler e a escrever?

Muitas vezes os pais têm essa preocupação, principalmente quando o filho/a vai fazer 5 anos e está prestes a ingressar no 1º ciclo. Quando me questionam sobre este assunto tento explicar que a nossa função não é essa (pais e educador) e quais as consequências que podem surgir (já mencionadas).

10 – Se for do interesse da criança aprender mais do que aquilo que é considerado normal adquirir na sua idade, que atitude um educador/professor deve tomar?

Na minha opinião, caso a criança esteja predisposta a aprender o educador/professor deve dar resposta, proporcionando atividades para que a criança mantenha o interesse, não caindo no exagero de ensinar a ler ou a escrever, pois essa tarefa cabe ao professor do 1º ciclo.

11 – Considera a diferenciação pedagógica como uma possível solução para a não escolarização precoce?

De certa forma sim. O educador conhecendo bem o grupo e cada criança em particular pode planificar em função das capacidades de cada um e certamente serão poucas as crianças com capacidades acima da média que necessitem ou manifestem interesse em ir mais além do que o previsto.

12 – Na instituição em que trabalha, considera relevante os tempos dedicados ao “brincar”?

12.1 – Porquê?

Sim, a própria organização do espaço da sala está em função deste grande interesse da criança “brincar”. As diferentes áreas dão a oportunidade à criança de escolher livremente onde quer brincar, com quem e vai de encontro à nossa pedagogia. Quando temos oportunidade de brincar com elas podemos observar e detetar os seus interesses e necessidades e até levantar um tópico que pode ser a origem de um projeto.

13 – Na sua opinião, considera que, em contexto de educação pré-escolar, existe tempo para aprender e tempo para brincar?

13.1 – Se sim, como se gere o tempo de ambos?

Sim, normalmente gerimos o nosso tempo na sala e faz parte da nossa rotina diária estes dois momentos, o momento de atividades orientadas (tempo para aprender) quando o educador apresenta uma história, elabora os registos, dá a sequência de um projeto (por exemplo) e o momento das atividades livres em que a criança é convidada a escolher a área onde quer brincar.

14 – Considera o “brincar” uma atividade suficiente, na idade pré-escolar, para desenvolver competências, a diversos níveis, na criança?

Considero que o “brincar” é fundamental para o desenvolvimento da criança, e que através da atividade lúdica o educador pode desenvolver muitas competências, tais

como a socialização, a autonomia, desinibição, a capacidade de atenção e concentração, no entanto, é sempre importante que a par desta atividade o educador esteja atento, transmita modelos e complemente com atividades orientadas de forma a abranger as variadas áreas de conteúdo.

15 – Que idade acha ser adequada para uma criança iniciar o 1º Ciclo do Ensino Básico?

15.1 – Porquê?

Na minha opinião a idade adequada para iniciar o 1º ciclo do ensino básico é entre os 6 e os 7 anos, porque com esta idade a criança já adquiriu alguma maturidade cognitiva e emocional e estará mais predisposta à aprendizagem. Há pais que preferem efetuar a matrícula mesmo quando a criança não completou os 6 anos de idade (crianças que fazem anos até dezembro) e o que acontece é que a criança não tem maturidade suficiente originando dificuldades de adaptação, falta de concentração e por vezes insucesso escolar.

Educadora D

1 – Há quantos anos se encontra a trabalhar na área da educação?

Como Educadora de Infância estou no terreno há 28 anos.

2 – O que entende por “escolarização precoce”?

No sentido mais restrito, entendo-a como a aprendizagem da leitura e da escrita antes da entrada para o 1º ciclo do ensino básico.

3 – Como considera a escolarização precoce na educação de uma criança?

3.1 – Porquê?

De forma geral considera-o negativa.

Cada etapa da vida de uma criança deve ser vivida com toda a intensidade que lhe é devida. E respeitar o ritmo e necessidade de aprendizagem de cada criança. A meu ver o tempo da ed. Pré- Escolar é tempo de aprender brincando e adquirir as competências básicas que serão trampolim para a escolarização.

4 – Considera que, na instituição onde trabalha, escolarizam precocemente a criança?

4.1 – Porquê?

Não. Aqui respeita-se o ritmo de cada criança e do grupo e vão-se dando respostas de acordo com as necessidades e interesses manifestados pelas crianças e a aprendizagem acontece de forma natural e protagonizada por cada criança.

Porque na verdade, estamos mais preocupadas em que todas as competências básicas e experienciais sejam adquiridas, pois acreditamos que estas é que serão a raiz e fundamento duma boa aprendizagem futura.

Se pensarmos em escolarização precoce fundamentalmente assentes na aprendizagem de leitura e da escrita e na matemática sabemos que antes desta ser concretizada em conceitos a criança necessita de realizar muitas experiências com o próprio corpo e espaço, de fazer uma “leitura” visual e encantada de livros , de histórias, de imagens , precisa saber traduzir no papel em desenho os seus conhecimentos e desejos ... precisa de dar asas á imaginação criando, precisa de aprender a pensar e a resolver os problemas simples, etc. precisa de ser ela mesma motor e protagonista duma aprendizagem que o educador estimulo todos os dias.

A criança precisa aprender a olhar á sua volta colhendo a beleza da natureza, aprendendo a cuidar do mundo à sua volta...e a gerar vida através das suas criações com os seus pares.

5 – Na sua opinião, como explica o facto das crianças serem precocemente estimuladas na aprendizagem da leitura, escrita, entre outras?

Creio que isto é motivado por uma sociedade competitiva e por isso com valores deturpados.

6 – Qual a sua opinião sobre a possibilidade das crianças aprenderem a ler ou escrever durante a educação pré-escolar?

Creio que esta situação não pode ser vista de forma generalizada, mas de acordo com cada situação. No concreto temos 2 crianças que desde os 3 anos leem fluidamente e poderíamos dizer que têm conhecimentos e interesses acima da média, no entanto a nível de socialização e emocional são crianças dentro da média. O que creio é que não devem ser supervalorizadas e estimuladas a este nível, mas também não podemos abafar as suas competências adquiridas, por isso é necessário dar-lhes a resposta adequada às suas necessidades.

7 – Considera as fichas de atividades, em contexto de educação pré-escolar, uma forma de escolarização precoce da criança?

Depende das fichas e da forma e intenção que são usadas. De forma sistemática e em cadernos de fichas usados por norma e com temas descontextualizados dos interesses da criança são, a meu ver contraproducentes e poderão criar uma aversão a esse tipo de instrumentos de aprendizagem mais usados na etapa seguinte.

8 – Na instituição onde trabalha realizam-se fichas de atividades?

8.1 – Porquê?

Não. Nós não as usamos porque não consideramos necessárias para a aprendizagem. E usadas de forma continuada poderão ser uma forma de escolarização precoce sem bases experienciais que mais cedo ou mais tarde vão truncar a aprendizagem da leitura e da escrita e que depois já estarão deslocadas no tempo e na idade.

9 – Qual a sua opinião sobre o facto de alguns pais incentivarem as crianças, com idades precoces, a ler e a escrever?

Penso que, por um lado é o desconhecimento, por outro é uma ideia preconcebida que aos 5 anos é que se inicia a Ed. Pré-escolar, associando este início a uma pré-escola e por isso já a necessidade de começar a ler e a escrever.

10 – Se for do interesse da criança aprender mais do que aquilo que é considerado normal adquirir na sua idade, que atitude um educador/professor deve tomar?

A atitude de um educador deve ser sempre a de abertura e de acompanhamento da criança sem descurar as competências básicas a adquirir e sobretudo não ter receio de ser ultrapassado pelo próprio aluno.

11 – Considera a diferenciação pedagógica como uma possível solução para a não escolarização precoce?

Sem dúvida.

12 – Na instituição em que trabalha, considera relevante os tempos dedicados ao “brincar”?

12.1 – Porquê?

Sim. São fundamentais. É necessário deixar uma criança ser criança e viver como tal.

13 – Na sua opinião, considera que, em contexto de educação pré-escolar, existe tempo para aprender e tempo para brincar?

13.1 – Se sim, como se gere o tempo de ambos?

Na educação pré-escolar aprende-se brincando. O lúdico é a grande forma de aprendizagem.

14 – Considera o “brincar” uma atividade suficiente, na idade pré-escolar, para desenvolver competências, a diversos níveis, na criança?

Se considerarmos o brincar como apenas brincadeira livre de uma criança, claramente não é suficiente. Se considerarmos que através do lúdico vamos estimular as aprendizagens da criança aos diversos níveis então sim.

15 – Que idade acha ser adequada para uma criança iniciar o 1º Ciclo do Ensino Básico?

15.1 – Porquê?

Penso que seja entre os 6/7 anos. Depende da maturidade de cada criança e dos estímulos que lhe são dados.

Anexo 4

Análise de Dados

Entrevista à Pedopsiquiatra:

1 – O que entende por “escolarização precoce”?

Eu não sei bem qual é a definição exata, mas pela etimologia das palavras a “escolarização” será a aprendizagem a que nós estamos habituados - a leitura e a escrita – “precoce” será antes do tempo, se calhar antes do tempo que a criança deveria aprender.

2 – Como considera a escolarização precoce na educação de uma criança?

Se é precoce, eu vejo tudo que sejam competências que a criança deveria ter antes do tempo, eu acho que precoce não pode ser visto como bom, se é antes do tempo a criança não está preparada para adquirir esses conhecimentos. E como não está preparada pode muito mais facilmente ter insucesso e também desmotiva-la para a aprendizagem que tem que ser adquirida mais tarde.

3 – Na sua opinião, como explica o facto das crianças serem precocemente estimuladas na aprendizagem da leitura, escrita, entre outras?

Eu acho que há uma pressão muito grande na escolarização são competências que têm de ser adquiridas e pode haver esta tendência de quanto mais cedo melhor, quanto mais cedo souber ler e escrever depois mais conhecimentos adquire, mas isso às vezes pode ser contraproducente. E essa pressão pode ser tanto da escola, de algumas escolas, como dos pais. Mas eu acho que se calhar, a escola, nos dias de hoje, acho que vai mais de encontro ou quer ir mais de encontro com o desenvolvimento da criança.

4 – Qual a sua opinião sobre a possibilidade de crianças aprenderem a ler ou escrever durante a educação pré-escolar?

Eu acho que essas competências têm que ser adquiridas mais tarde. A criança aos 4/5 anos ainda não têm competências, a maioria delas não tem. E portanto, nós também temos que nos basear naquilo que nós sabemos estatisticamente da média das crianças e elas não estão preparadas para o fazer. Portanto, só a partir dos 6, algumas até aos 7 anos de idade é que têm, a nível do desenvolvimento, competências para a leitura e a escrita.

5 – Considera as fichas de atividades, em contexto de educação pré-escolar, uma forma de escolarização precoce da criança?

Depende das fichas. Algumas são muito lúdicas e que também dão alguns conceitos básicos, isso as crianças são capazes, identificar algumas letras, identificar números, de uma forma...o quanto mais lúdica possível, muito se calhar nos 5 anos, os educadores têm a preocupação de ajudar a criança a estar durante algum tempo focada numa atividade e as fichas também ajudam, porque nós sabemos que é uma mudança muito grande do pré-escolar para a escola primária de repente, e isto ser assim de repente a criança a estar assim habituada quase o tempo todo no pré-escolar a brincar e depois de repente fica sentada, durante aquele tempo todo, portanto, é bom que haja aqui um momento de transição e que no pré-escolar já seja feito aquele trabalho de mesa, por volta dos 5 anos.

Acho que pode ter o seu interesse e é útil, mas em meninos mais velhos.

6 – Qual a sua opinião sobre o facto de alguns pais incentivarem as crianças, com idades precoces, a ler e a escrever?

Às vezes há crianças que têm alguma satisfação e algum gosto, até procuram elas próprias saber e temos crianças que até, eu lembro-me quando eu era pequena havia aquele programa da rua sésamo e muitas crianças acabaram por aprender a ver este tipo de programas e acabaram por aprender sozinhas e com gosto, pronto. Mas isso não acontece com a maioria das crianças e acho que se deve respeitar o tempo da criança e se calhar delegar a educação, a instrução digamos assim, para os professores. Aliás, porque, há crianças que quando aprendem muito precocemente e já no pré-escolar a ler e escrever e depois acham a escola primária muito desinteressante, enfadonha, porque já sabem aquilo tudo, não há nada de novo, acabam por ficar desmotivadas, algumas delas nem têm essa motivação para aprender e, portanto, acabam por achar aquilo que se calhar era bem-vindo no tempo certo, a criança acaba por achar que é uma coisa que é enfadonha, acaba por ser uma atividade ligada a algum desprazer e que depois se pode manter ao longo da aprendizagem.

7 – A longo prazo, a escolarização precoce provoca alguma consequência no desenvolvimento da criança?

7.1 – Se sim, quais?

Eu acho que a falta de tempo para brincar é uma das coisas que é aqui fundamental. A criança precisa de, além de ter estas competências do saber, do ler, do escrever, ligadas à escolaridade, portanto, tem de ter outras competências, nomeadamente as competências sociais e, portanto, é preciso tempo também para brincar e a brincadeira também não ser só uma brincadeira ou atividades que sejam dirigidas, como as atividades extracurriculares, por exemplo, que há muitos miúdos, já muito pequeninos, que têm o tempo muito cheio, muito ocupado, quer em atividade mais de mesa, quer também em atividades extracurriculares, que deixam pouco tempo para a criança ser criativa. E é importante que haja tempo para os meninos brincarem uns com os outros, para fomentarem os relacionamentos interpessoais que são fundamentais também para o desenvolvimento e para adquirir competências sociais que são fundamentais também para uma pessoa adulta.

Outras consequências pode ser a criança ficar desmotivada para a aprendizagem. Primeiro, porque se calhar insistem com ela numa fase do desenvolvimento para adquirir determinadas competências para as quais não está motivada e que não é capaz. E se está desmotivada não é prazeroso e se realmente não é capaz tem essa sensação de incompetência, que também não é boa para o desenvolvimento de uma boa autoestima da criança e de um desenvolvimento saudável e feliz.

8 – Se for do interesse da criança aprender mais do que aquilo que é considerado normal adquirir na sua idade, que atitude um educador/professor deve tomar?

Tem que se encontrar algum equilíbrio. É importante também ir saciando essas crianças que são um bocadinho diferentes das outras, ir saciando com algum conhecimento mas também dirigir, e um educador é capaz de fazer isso, dirigir também para outras atividades, que se calhar a criança não tem tanto interesse mas que também são muito importantes para ela, como a brincadeira com o outro. Porque há crianças que se calhar têm uma tendência maior ao isolamento. E o educador tem de ter essa perceção e mostrar-lhe que há outras coisas que também são importantes na sua formação, mas claro que não vai deixar de dar as respostas à criança, nem desmotiva-la, mas se calhar canalizar as atividades para outras coisas que são extremamente importantes também no pré-escolar.

9 – Considera a diferenciação pedagógica como uma possível solução para a não escolarização precoce?

Mas isso seria o ideal mas é muito difícil. Eu acho que se calhar até se pode. Vamos lá ver, se há questões que é importante serem aprendidas e se há determinada criança que adquire essas competências com muita facilidade, ou seja, uma criança que saiba muito bem, o professor pode utilizar, digamos assim, essa criança também para mobilizar o grupo para essa determinada atividade, portanto, dar-lhe determinadas funções... E ao contrário é a mesma coisa, se houver, imagine, alguma criança que seja muito boa a jogar futebol, e se o grupo tiver que jogar futebol, é só um exemplo, também fazer com que essa criança possa ser líder e possa ajudar o professor a motivar o grupo para essa atividade. Portanto, no fundo é funcionar na mesma em grupo e depois, nós sabemos que há um projeto de sala, e esse projeto tem que ser desenvolvido, e pronto, há determinadas tarefas que cada criança tem de fazer, determinadas competências que tem de adquirir, mas se calhar tentar ir à individualidade de cada criança mesmo em tarefas que sejam de grupo.

10 – Na sua opinião, considera que, em contexto de educação pré-escolar, existe tempo para aprender e tempo para brincar?

10.1 – Se sim, como se gere o tempo de ambos?

Eu dou um exemplo, nesta idade apela-se muito ao imaginário, a aprendizagem tem que ser muito lúdica...Eu estou me a lembrar do ensino de educação física no pré-escolar, é impensável dizer a uma criança pequena “agora vais te pôr de barriga para baixo e vais rastejar no chão” o que os professores de educação física dizem muitas vezes é “agora vamos fazer de conta que somos crocodilos” e, portanto, tenta-se através do imaginário através de uma história, que a criança acabe por fazer os movimentos que são necessários. E o resto da aprendizagem também vai um bocadinho por aí “agora vamos fazer uma letra”, vamos apelar ao que a letra é, ao que significa, ou seja, coisas mais concretas e que a criança conheça, que sejam mais lúdicas, que sejam mais prazerosas...e que depois por aí se chegue à aprendizagem. Mas atendendo que, depois na escola primária, tem que haver determinadas competências, nomeadamente o tempo em que se tem de focar numa tarefa e, depois disso, tem que se implementar um bocadinho nos 5 anos, por exemplo, estar algum tempo a fazer uma ficha, etc...Mas tem de ser sempre apelando ao imaginário da criança, de uma forma lúdica, de uma forma pedagógica. Tempo de aprender e de brincar acaba por ser um só.

11 – Considera o “brincar” uma atividade suficiente, na idade pré-escolar, para desenvolver competências, a diversos níveis, na criança?

Suficiente também não é, só brincar brincar, sem ser uma brincadeira orientada e dirigida, tem de ser orientada e dirigida e com algum objetivo. E, depois haver tempos de brincadeira que não são orientados nem dirigidos, em que as crianças interagem entre eles, são eles que decidem o que vão fazer, como vão fazer, são tempos diferentes.

12 – Que idade acha ser adequada para uma criança iniciar o 1º Ciclo do Ensino Básico?

12.1 – Porquê?

Em termos de desenvolvimento o que eu acho é que a maior parte das crianças está preparada para ler e escrever, adquirir estas competências, entre os 6 e os 7 anos de idade. Mas é variável de criança para criança. Se calhar crianças com 5 anos ou 4 anos que já conseguem fazê-lo, pouquinhos mas conseguem, num grupo de pré-escolar e tudo, falando numa realidade que conheço, no final nalgumas turmas se calhar há um ou dois nos 5 anos que já sabe ler algumas coisas ao passar para o 1º

ciclo, mas temos crianças com 7/8 anos e que se calhar ainda não têm essa competência, mas a maioria delas, por volta dos 6/7 anos.

Uma questão são as capacidades cognitivas que a criança tem e outra são as outras competências, nomeadamente a nível comportamental, nomeadamente a nível da atenção, concentração, da capacidade de estarem a trabalhar durante aquele "x" tempo que lhes é exigido...Portanto, as crianças se calhar são crianças que conseguem adquirir essas competências, mas depois, em termos práticos, depois não conseguem acompanhar o grupo e se calhar acabam por estar um bocadinho desfasadas das outras crianças em termos de maturidade, em termos de brincadeiras...e isso também é importante. Nas crianças pequenas sente-se muita diferença, meses fazem diferença, os anos fazem a diferença. Mais tarde, se calhar não faz diferença nenhuma, quando elas tiverem entre os 9 e os 10, os 10 e os 11, se calhar não faz tanta diferença, entre os 5 e os 6.

Eu acho que a mensagem que se deve passar é que não tem que haver pressa, pressa porquê? Portanto, há tempo para tudo, temos muito tempo, às vezes não é um ano que faz grande diferença na vida de alguém, um dia mais tarde não é importante. Se calhar, temos de ser cautelosos, ter bom senso, ir de acordo com a criança e realmente não ter pressa.

Anexo 5

Análise de Dados

Questionários aos Pais – Educação Pré-Escolar:

Este inquérito por questionário, destina-se aos pais da sala dos 3/4 anos da Educadora A e integra-se num estudo empírico que estou a levar a cabo no âmbito do 1º ano do Mestrado no Perfil de Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

O tema do estudo intitula-se “Tempo para aprender vs Tempo para brincar”, destacando essencialmente a questão da “escolarização precoce” e a “importância de brincar” para as crianças em educação pré-escolar.

Acrescento que o questionário é anónimo e confidencial, não sendo necessário a identificação dos encarregados de educação. As respostas não serão divulgadas e serão apenas para fins académicos.

Grata pela atenção dispensada,

Porto, 15 de junho de 2015

A estagiária

Sexo: _____

Idade: _____

Profissão: _____

Idade do educando: _____

1 – Como considera a escolarização precoce na educação de uma criança?

Positiva__ Negativa__ Nem negativa nem positiva__

1.1Porquê? _____

2 – Considera que na instituição onde se encontra o(a) seu(sua) filho(a), escolarizam-no(a) precocemente?

Sim__ Não__

3 – Considera as fichas de atividades, em contexto de educação pré-escolar, uma forma de escolarização precoce da criança?

Sim__ Não__

4 - Concorda com a realização de fichas de atividades, em contexto de educação pré-escolar?

Sim__ Não__

5 – Concorda com a possibilidade de crianças aprenderem a ler ou escrever durante a educação pré-escolar?

Sim__ Não__

6 – Nesta fase de desenvolvimento do(da) seu(sua) filho(filha), que frequenta a educação pré-escolar, incentiva-o(a) a ler ou a escrever?

Sim__ Não__

7 – Considera o “brincar” uma atividade suficiente, na idade pré-escolar, para desenvolver competências, a diversos níveis, na criança?

Sim__ Não__

8 – Qual a idade que acha ser adequada para uma criança iniciar o 1º Ciclo do Ensino Básico?

8.1Porquê? _____

Anexo 6

Análise de Dados

Entrevistas às Professoras:

Professora A

1 – Há quantos anos se encontra a trabalhar na área da educação?

14 anos.

2 – O que entende por “escolarização precoce”?

Alunos com menos de 6 anos de idade.

3 – Como considera a escolarização precoce na educação de uma criança?

3.1 – Porquê?

Por vezes não é a melhor opção, porque alguns alunos ainda não têm maturidade.

4 – De acordo com o diagnóstico que realiza, no início do ano, às crianças que iniciam o 1ºano de escolaridade, considera que, na instituição onde trabalha, escolarizam precocemente a criança?

4.1 – Porquê?

Não, pois tenho alunos vindo da pré da mesma instituição e pelo menos uma aluna a educadora pediu para ficar mais um ano na pré, mas a mãe não concordou.

E tenho alunos com 7 anos que a pedido das educadoras eles frequentaram mais um ano na pré.

5 – Alguma vez, numa turma sua de 1º ano, encontrou algum aluno, proveniente de outra instituição, que demonstrasse ter sido alvo de uma escolarização precoce?

Sim.

6 – Na sua opinião, considera que tal acontece devido à influência dos pais, ou devido às finalidades que são propostas pelas instituições de educação pré-escolar que as crianças frequentaram?

Penso que na maioria das vezes são os pais.

7 – Como explica o facto das crianças serem precocemente estimuladas na aprendizagem da leitura, escrita, entre outras?

Acho que depois dessas crianças perdem a motivação de aprender.

8 – Qual a sua opinião sobre o facto de alguns pais incentivarem as crianças, com idades precoces, a ler e a escrever?

Acho que não têm a noção do mal que estão a fazer à criança. Para tudo há o seu tempo e para aprender a ler e escrever é quando entram no 1.º ano.

9 – Se for do interesse da criança aprender mais do que aquilo que é considerado normal adquirir na sua idade, que atitude um educador/professor deve tomar?

Deve motivar e trabalhar mais com ele. Fazer outro tipo de trabalho, uma vez que esse aluno acaba por ser autónomo.

10 – Considera a diferenciação pedagógica como uma possível solução para a não escolarização precoce?

Sim.

11 – Na instituição em que trabalha, considera relevante os tempos dedicados ao “brincar”?

11.1 – Porquê?

Sim, porque os alunos têm que brincar para depois poder trabalhar com mais atenção.

12 – Considera que os tempos de recreio têm a duração certa para as crianças brincarem? Porquê?

Os tempos de recreio acho que são suficientes, o problema é o tempo que eles passam na escola, seja em recreio ou em trabalho. É muito tempo.

12.1 – Se não, quanto tempo considera adequado para as crianças se ocuparem a brincar?

13 – Na sua opinião, considera que, em contexto de 1º ciclo do ensino básico, há tempo para aprender e tempo para brincar?

13.1 – Se sim, como se gere o tempo de ambos?

Sim, mas continuo a achar que o grande problema é o excesso de tempo que passam dentro da escola.

14 – Considera o “brincar” uma atividade menos relevante na idade escolar, ao contrário da idade pré-escolar, no que toca ao desenvolvimento de competências, a diversos níveis, na criança?

Não, considero que eles devem brincar sempre.

Pois é a brincar/jogar que eles aprendem.

15 – Que idade acha ser adequada para uma criança iniciar o 1º Ciclo do Ensino Básico?

15.1 – Porquê?

Com 6 anos, porque é a idade em que alguns já têm maturidade suficiente para aprender. Apesar de eu ter alunos que só completaram 6 anos em novembro com mais maturidade do que os restantes e alguns já com 7 anos.

Professora B

1 – Há quantos anos se encontra a trabalhar na área da educação?

Sou professora há 14 anos.

2 – O que entende por “escolarização precoce”?

Entendo por escolarização precoce quando as crianças aprendem a ler e a escrever antes dos 5 anos de idade.

3 – Como considera a escolarização precoce na educação de uma criança?

3.1 – Porquê?

Considero a escolarização precoce prejudicial na educação de uma criança. Estudos sobre as consequências da escolarização precoce indicam que “um esforço intelectual das forças de desenvolvimento da criança, por meio do aprendizado, pode ter como consequência um enfraquecimento das capacidades sociais e mentais. Pesquisas com crianças precocemente escolarizadas demonstraram que elas apresentam, em curto prazo, sintomas como dificuldades de aprendizagem, cansaço escolar, deficiência de atenção ou perda de motivação”.

4 – De acordo com o diagnóstico que realiza, no início do ano, às crianças que iniciam o 1ºano de escolaridade, considera que, na instituição onde trabalha, escolarizam precocemente a criança?

4.1 – Porquê?

Não. As crianças entram para o 1.º ano de escolaridade com as aquisições feitas de acordo com a sua faixa etária.

5 – Alguma vez, numa turma sua de 1º ano, encontrou algum aluno, proveniente de outra instituição, que demonstrasse ter sido alvo de uma escolarização precoce?

Não, nunca me deparei com essa situação.

6 – Na sua opinião, considera que tal acontece devido à influência dos pais, ou devido às finalidades que são propostas pelas instituições de educação pré-escolar que as crianças frequentaram?

Muitas vezes, devido à influência dos pais nos filhos e nas próprias instituições.

7 – Como explica o facto das crianças serem precocemente estimuladas na aprendizagem da leitura, escrita, entre outras?

A sociedade tem incentivado a escolarização cada vez mais cedo. Talvez por competição entre instituições, por insistência dos próprios pais, etc.

8 – Qual a sua opinião sobre o facto de alguns pais incentivarem as crianças, com idades precoces, a ler e a escrever?

É comum encontrarmos pais orgulhosos de seus filhos de 3 ou 4 anos, que já conhecem o alfabeto e escrevem o nome. São pais ansiosos e leigos na matéria.

9 – Se for do interesse da criança aprender mais do que aquilo que é considerado normal adquirir na sua idade, que atitude um educador/professor deve tomar?

O professor deverá prosseguir com o aluno, aplicando uma pedagogia diferenciada.

10 – Considera a diferenciação pedagógica como uma possível solução para a não escolarização precoce?

Talvez.

11 – Na instituição em que trabalha, considera relevante os tempos dedicados ao “brincar”?

11.1 – Porquê?

Considero importante a existência de tempos destinados ao “brincar”. A sua duração nem sempre é a mais adequada.

12 – Considera que os tempos de recreio têm a duração certa para as crianças brincarem? Porquê?

Não. Atualmente a duração de cada recreio é de 30 minutos, o que não chega para ir à casa de banho, lanche e brincar. Principalmente para os alunos de 1.º ano que demoram imenso tempo a lanche.

12.1 – Se não, quanto tempo considera adequado para as crianças se ocuparem a brincar?

Entre 40 a 45 minutos.

13 – Na sua opinião, considera que, em contexto de 1º ciclo do ensino básico, há tempo para aprender e tempo para brincar?

13.1 – Se sim, como se gere o tempo de ambos?

Em contexto de 1.º ciclo, há apenas tempo para aprender. Com os programas cada vez mais extensos e exigentes e com o aumento da carga horária, os alunos não conseguem ter tempo para brincar.

14 – Considera o “brincar” uma atividade menos relevante na idade escolar, ao contrário da idade pré-escolar, no que toca ao desenvolvimento de competências, a diversos níveis, na criança?

Considero que o “brincar” possibilita, aos alunos, a conquista de capacidades fundamentais como competências no movimento, na linguagem, nos âmbitos social, afetivo e ético-moral.

15 – Que idade acha ser adequada para uma criança iniciar o 1º Ciclo do Ensino Básico?

15.1 – Porquê?

Entendo que a idade adequada para uma criança do sexo feminino iniciar o 1.º Ciclo do Ensino Básico é de 6 anos. A idade adequada para uma criança do sexo masculino iniciar o 1.º Ciclo do Ensino Básico é de 7 anos.

Professora C

1 – Há quantos anos se encontra a trabalhar na área da educação?

Há 35 anos.

2 – O que entende por “escolarização precoce”?

Entendo que é a entrada antecipada de uma criança no 1º ciclo, antes de completar os seis anos de idade (só devem ser matriculadas, se fizerem seis anos até ao dia 15 de setembro).

3 – Como considera a escolarização precoce na educação de uma criança?

3.1 – Porquê?

Considero que a escolarização precoce na educação de uma criança deve estar associada ao seu desenvolvimento global, à sua maturidade, e não especificamente à sua idade cronológica. Se a criança possuir um desenvolvimento sócio-emocional e cognitivo reveladores de uma adequada adaptação e integração aos novos desafios escolares, deve ingressar no 1º ciclo. Uma criança com desenvolvimento ajustado às exigências do 1º ciclo, que permaneça no pré-escolar, devido unicamente à sua idade cronológica, poderá sentir-se pouco estimulada e diminuir o seu interesse na participação das atividades. A principal preocupação neste processo, é perceber se a criança tem um perfil global de desenvolvimento que favoreça a sua adaptação a uma nova realidade de ensino/ aprendizagem.

4 – De acordo com o diagnóstico que realiza, no início do ano, às crianças que iniciam o 1º ano de escolaridade, considera que, na instituição onde trabalha, escolarizam precocemente a criança?

4.1 – Porquê?

Não. A escola onde trabalho, tem sempre uma lista muito extensa de alunos interessados em ingressar no 1º ano pelo que, dá preferência às crianças com seis anos.

5 – Alguma vez, numa turma sua de 1º ano, encontrou algum aluno, proveniente de outra instituição, que demonstrasse ter sido alvo de uma escolarização precoce?

Não.

6 – Na sua opinião, considera que tal acontece devido à influência dos pais, ou devido às finalidades que são propostas pelas instituições de educação pré-escolar que as crianças frequentaram?

Não possuo dados para responder.

7 – Como explica o facto das crianças serem precocemente estimuladas na aprendizagem da leitura, escrita, entre outras?

Por incentivo dos pais, pelas novas tecnologias, pelos irmãos mais velhos.

É possível, mas não me parece favorável pois as crianças vão iniciar o processo de aquisição dos mecanismos de leitura e da escrita antes dos seis anos, e até aí as crianças devem brincar, para que possam adquirir competências, que lhes permitam estar à altura de todos os desafios e ter sucesso na escola.

8 – Qual a sua opinião sobre o facto de alguns pais incentivarem as crianças, com idades precoces, a ler e a escrever?

“Incentivar”, não me parece bem....mas se eventualmente, acontecer por iniciativa da própria criança, acho que aí então, os pais devem acompanhar o processo de leitura e escrita.

9 – Se for do interesse da criança aprender mais do que aquilo que é considerado normal adquirir na sua idade, que atitude um educador/professor deve tomar?

O educador/professor deverá acompanhá-lo, incentivá-lo na sua vontade de querer saber sempre mais e fazer uma programação adaptada para estimular a sua aprendizagem/crescimento. É fundamental respeitar os ritmos de desenvolvimento de cada criança.

10 – Considera a diferenciação pedagógica como uma possível solução para a não escolarização precoce?

Sim.

11 – Na instituição em que trabalha, considera relevante os tempos dedicados ao “brincar”?

11.1 – Porquê?

Sim. Considero muito relevante os tempos dedicados ao “brincar” pois “a brincar também se aprende”.

12 – Considera que os tempos de recreio têm a duração certa para as crianças brincarem? Porquê?

12.1 – Se não, quanto tempo considera adequado para as crianças se ocuparem a brincar?

Penso que no período letivo da manhã, deveria haver dois intervalos, com duração de 20 minutos cada um.

13 – Na sua opinião, considera que, em contexto de 1º ciclo do ensino básico, há tempo para aprender e tempo para brincar?

13.1 – Se sim, como se gere o tempo de ambos?

Há tempo para aprender e tempo para brincar, no entanto, acho que deveria haver mais tempo para os alunos do 1º ano poderem brincar.

14 – Considera o “brincar” uma atividade menos relevante na idade escolar, ao contrário da idade pré-escolar, no que toca ao desenvolvimento de competências, a diversos níveis, na criança?

Acho que no 1º ciclo, “brincar” torna-se uma atividade menos relevante, no que toca ao desenvolvimento de competências, embora tal como já referi anteriormente, considere muito importante a aprendizagem a partir de atividades apelativas para as crianças.

15 – Que idade acha ser adequada para uma criança iniciar o 1º Ciclo do Ensino Básico?

15.1 – Porquê?

Acho que as crianças devem iniciar o 1º ciclo aos seis anos de idade pois considera-se que já tenham um desenvolvimento cognitivo e sócio-afetivo ajustado às exigências do 1º ciclo. Nesta idade apresentam um desenvolvimento que favorece a sua adaptação a uma nova realidade de ensino aprendizagem.

Professora D

1 – Há quantos anos se encontra a trabalhar na área da educação?

Há 10 anos.

2 – O que entende por “escolarização precoce”?

Entendo ser uma entrada, demasiado cedo, na vida escolar com regras e exigências específicas, nomeadamente, no 1º ano do ensino Básico.

3 – Como considera a escolarização precoce na educação de uma criança?

3.1 – Porquê?

Considero que é prejudicial à criança pois esta ainda revela imaturidade, faltam-lhe desenvolver determinadas competências, ainda vive muito no abstrato e demasiado no mundo imaginário. Em termos cognitivos, a criança até pode estar preparada e conseguir obter bons resultados, mas emocionalmente pode ainda não estar preparada e essa entrada precoce, pode mesmo marcar o seu percurso escolar.

4 – De acordo com o diagnóstico que realiza, no início do ano, às crianças que iniciam o 1ºano de escolaridade, considera que, na instituição onde trabalha, escolarizam precocemente a criança?

4.1 – Porquê?

Por vezes, com a entrada de crianças com 5 anos de idade (até dezembro). Por pedido dos pais ou não.

5 – Alguma vez, numa turma sua de 1º ano, encontrou algum aluno, proveniente de outra instituição, que demonstrasse ter sido alvo de uma escolarização precoce?

De outra instituição, não.

6 – Na sua opinião, considera que tal acontece devido à influência dos pais, ou devido às finalidades que são propostas pelas instituições de educação pré-escolar que as crianças frequentaram?

A maior parte das vezes, a pedido dos pais. Outras vezes depende das vagas existentes.

7 – Como explica o facto das crianças serem precocemente estimuladas na aprendizagem da leitura, escrita, entre outras?

Como referi anteriormente, depende da maturidade e das capacidades cognitivas que a criança possuiu. Considero que antes de haver esse estímulo devem ser trabalhadas, ainda, outras competências em termos emocionais e sociais, além da importância do lúdico e concreto na realização das suas aprendizagens. Porém, o programa atual do 1º Ciclo, é bastante exigente e apela ao sentido da abstração em faixas etárias em que os alunos ainda não têm essa capacidade.

Considero que, dependendo das capacidades, do contexto socioeconómico, do meio familiar, a criança até pode conseguir aprender a ler ou escrever antes do 1ºano, porém, poderá estar a avançar etapas no seu desenvolvimento pessoal ficando algumas estruturas pouco preparadas para o futuro do seu percurso escolar e pessoal.

8 – Qual a sua opinião sobre o facto de alguns pais incentivarem as crianças, com idades precoces, a ler e a escrever?

Acho que não devem forçar, mas se a criança quiser podem ajudar naturalmente.

9 – Se for do interesse da criança aprender mais do que aquilo que é considerado normal adquirir na sua idade, que atitude um educador/professor deve tomar?

O professor deve compreender e tentar corresponder, mas moderadamente.

10 – Considera a diferenciação pedagógica como uma possível solução para a não escolarização precoce?

Sim, completamente. Desta forma, será possível responder de forma mais individualizada às necessidades de cada criança.

11 – Na instituição em que trabalha, considera relevante os tempos dedicados ao “brincar”?

11.1 – Porquê?

Sim, pois sempre que possível recorre-se ao lúdico, mesmo nas atividades letivas.

12 – Considera que os tempos de recreio têm a duração certa para as crianças brincarem? Porquê?

Sim, tendo em conta o programa a cumprir.

12.1 – Se não, quanto tempo considera adequado para as crianças se ocuparem a brincar?

13 – Na sua opinião, considera que, em contexto de 1º ciclo do ensino básico, há tempo para aprender e tempo para brincar?

13.1 – Se sim, como se gere o tempo de ambos?

Embora se aprenda brincando, após um período de mais exigência e concentração, pode e deve haver um momento de descontração.

14 – Considera o “brincar” uma atividade menos relevante na idade escolar, ao contrário da idade pré-escolar, no que toca ao desenvolvimento de competências, a diversos níveis, na criança?

Não.

15 – Que idade acha ser adequada para uma criança iniciar o 1º Ciclo do Ensino Básico?

15.1 – Porquê?

6 ou 7. Pois já tem mais maturidade e é mais autónoma, conseguindo realizar as aprendizagens mais facilmente.

Anexo 7

Análise de Dados

Questionários aos Pais – 1ºCiclo do Ensino Básico:

Este inquérito por questionário, destina-se aos pais dos alunos do 1ºX, turma da Prof.^a B e integra-se num estudo empírico que estou a levar a cabo no âmbito do 2º ano do Mestrado no Perfil de Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

O tema do estudo intitula-se “Tempo para aprender vs Tempo para brincar”, destacando essencialmente a questão da “escolarização precoce” e a “importância de brincar” para as crianças, quer se encontrem na idade pré-escolar, quer estejam no 1ºCiclo do Ensino Básico.

Acrescento que o questionário é anónimo e confidencial, não sendo necessário a identificação dos encarregados de educação. As respostas não serão divulgadas e serão apenas para fins académicos.

Grata pela atenção dispensada,

Com os melhores cumprimentos

Porto, 7 de dezembro de 2015

A estagiária

Sexo: _____

Idade: _____

Profissão: _____

Idade do educando: _____

1 – Como considera a escolarização precoce na educação de uma criança?

Positiva__ Negativa__ Nem negativa nem positiva__

1.1 Porquê? _____

2 – Considera que a instituição que o(a) seu(sua) filho(a) frequentou durante o pré-escolar escolarizava precocemente a criança?

Sim__ Não__

3 – Considera que na instituição onde se encontra matriculado(a) o(a) seu(sua) filho(a) é lhe exigido saber mais do que aquilo que lhe é possível de compreender e adquirir na sua idade?

Sim__ Não__

3.1 Porquê? _____

4 – Concorda com a possibilidade de crianças aprenderem a ler ou escrever durante a Educação Pré-Escolar?

Sim__ Não__

5 – Antes do(da) seu(sua) filho(filha) entrar para o 1º Ciclo, incentivou-o(a) a ler ou a escrever?

Sim__ Não__

6 – Considera o “brincar” uma atividade menos relevante na idade escolar, ao contrário da idade pré-escolar, no que toca ao desenvolvimento de competências, a diversos níveis, na criança?

Sim__ Não__

7 - Concorda com a realização de exames nacionais no 4º ano de escolaridade?

Sim__ Não__

8 – Qual a idade que acha ser adequada para uma criança iniciar o 1º Ciclo do Ensino Básico?

8.1 Porquê? _____
